

## **O metamorfosear da prática docente segundo a ótica de António Nóvoa e sua contribuição para a identidade profissional do professor**

**Lázara Lidiane Oliveira Assis**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (MRD)

Instituição: Centro Universitário Alves Faria (UniALFA)

E-mail: lali.olissis@gmail.com

**Sergio Caruso**

Doutor em Educação

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

E-mail: sergio.caruso@unialfa.com.br

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é debater a metamorfose, as mudanças rápidas e intensas na prática docente a partir das reflexões de António Nóvoa (2019) que influenciam na constituição da identidade profissional dos professores em contextos de transformações. Desde a formação inicial e, no decorrer da trajetória profissional docente, a formação continuada proporciona um importante alicerce para as práticas pedagógicas e um ensino significativo, contemporâneo e de qualidade. Este artigo busca compreender como a valorização da docência e a construção de uma identidade crítica e comprometida podem se tornar fatores de fortalecimento educacional e social. No diálogo, com os aportes de Tardif (2002), sobre os saberes docentes, e Imbernón (2006), com base em uma abordagem qualitativa, de caráter hermenêutico e analítico, o texto examina a relação entre formação docente, prática pedagógica e desenvolvimento regional. As conclusões são de que investir na formação e no reconhecimento da profissão docente impacta positivamente não apenas os indicadores educacionais, mas também o progresso das comunidades. A prática docente, portanto, revela-se em constante metamorfose e essencial para processos de transformação social.

**Palavras-chave:** Identidade Docente. Formação de Professores. Prática Pedagógica. Desenvolvimento Regional.

### **1 INTRODUÇÃO**

As últimas décadas têm sido marcadas por transformações significativas nas formas de ensinar e aprender, impulsionadas por processos sociais, culturais e tecnológicos em constante mutação. A escola, como instituição historicamente situada, sente diretamente os efeitos dessas mudanças e se vê desafiada a ressignificar seus papéis, práticas e objetivos.

Nesse contexto, o professor ocupa uma posição central, sendo chamado a revisar e adaptar constantemente sua atuação profissional, num processo que exige mais do que simples atualização pedagógica, uma “verdadeira metamorfose”, ou seja, reiteradas mudanças e transformações ao longo de sua jornada.

António Nóvoa, professor catedrático e um dos mais relevantes pensadores da educação contemporânea, propõe em seus escritos uma leitura aprofundada sobre a identidade docente e a urgência



de repensar a formação e a prática profissional do professor.

Em especial, no ensaio “Os professores e sua formação num tempo de metamorfose da escola” (2019), o autor convida à reflexão sobre os sentidos da docência num tempo em que os marcos tradicionais da profissão se diluem e novos desafios emergem. A escolha do termo “metamorfosar” não é casual, trata-se de indicar uma transformação profunda, estrutural, que atinge não apenas a forma, mas a essência da profissão.

A identidade profissional do professor, longe de ser uma característica estática ou inata, é construída ao longo da trajetória formativa e prática. Ela se constitui na articulação entre saberes acadêmicos, experiências vividas, vínculos institucionais e contextos socioculturais. Ao entender essa identidade como algo dinâmico e relacional, torna-se possível compreender por que a formação, tanto inicial quanto continuada, é decisiva na construção de um profissional crítico, autônomo e engajado com os processos educativos e sociais de sua comunidade.

Por outro lado, é importante destacar que a docência não ocorre em um vácuo, isoladamente, sem relação com um conjunto de circunstâncias. A atuação do professor está diretamente implicada nas condições históricas e regionais de onde se insere. Em regiões que enfrentam desafios sociais, econômicos e educacionais específicos, como ocorre em muitas localidades do Brasil, o trabalho docente pode se constituir em fator estratégico para o desenvolvimento local e regional, processos de crescimento econômico e social.

A qualificação da educação, impulsionada por práticas docentes comprometidas e conscientes, representa não apenas a melhoria da aprendizagem escolar, mas, também, o fortalecimento de vínculos comunitários, da cidadania e do capital humano regional.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo refletir sobre o “metamorfosar” da prática docente a partir da ótica de António Nóvoa, analisando como essa transformação impacta a constituição da identidade profissional do professor e sua relação com o desenvolvimento regional.

A relevância desta discussão reside na necessidade de se compreender que mudanças estruturais na educação só serão efetivas se incluírem o professor como protagonista e não apenas como executor de políticas.

O estudo do pensamento de Nóvoa permite iluminar caminhos para que a formação e o reconhecimento profissional docente caminhem lado a lado com o desenvolvimento educacional e social das regiões, superando dicotomias entre teoria e prática, entre o discurso e a ação.

## **2 A METAMORFOSE DA PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES A PARTIR DE ANTÓNIO NÓVOA**

A docência, enquanto profissão historicamente constituída, atravessa um momento de inflexão



profunda. Mudanças nas relações sociais, nas formas de comunicação, nos valores culturais e nas expectativas educacionais colocam em xeque os antigos referenciais que sustentavam a identidade e a prática dos professores. É neste cenário que António Nóvoa (2019) propõe o conceito de “metamorfose”, não apenas como uma metáfora, mas como uma chave interpretativa para compreender as novas configurações da escola e da profissão docente.

Em seu texto “Os professores e sua formação num tempo de metamorfose da escola” (2019), Nóvoa aponta que o tempo atual exige que os professores deixem de se ancorar em modelos profissionais fixos e passem a construir suas trajetórias de maneira mais autônoma, crítica e reflexiva. Para o autor, a ideia de metamorfose expressa a necessidade de mudanças profundas, que não são apenas adaptações superficiais, mas transformações estruturais nas formas de ser e agir profissionalmente.

Nóvoa destaca que não se trata de negar a tradição, mas de dialogar com ela a partir dos desafios contemporâneos, a exemplo das práticas docentes, da participação da comunidade, das tecnologias e inovações. A escola de hoje não é mais a mesma dos séculos passados, e os professores não podem ser formados com base em modelos que já não respondem às demandas do presente. Nesse sentido, o professor do século XXI não pode ser formado com os modelos do século XX para ensinar alunos na contemporaneidade, denunciando a defasagem existente entre formação, prática e realidade educacional.

Um dos eixos centrais do pensamento de Nóvoa está na valorização dos saberes da experiência e na construção da identidade docente como processo contínuo. O professor não se forma apenas nos bancos da universidade, mas sobretudo no exercício cotidiano da profissão, nos desafios da sala de aula, nas relações com os alunos, com os colegas e com a comunidade. Por isso, a formação continuada é entendida como dimensão essencial da profissionalização, não como etapa complementar.

Outro ponto importante na análise de Nóvoa é o deslocamento do foco da formação docente de um modelo prescritivo para um modelo reflexivo, das normas fixas para uma análise crítica. Isso implica reconhecer o professor como sujeito da própria formação, capaz de pensar sua prática, construir saberes, compartilhar experiências e tomar decisões pedagógicas fundamentadas. O autor propõe uma ruptura com a lógica de cursos técnicos e expositivos, defendendo espaços formativos mais colaborativos, contextualizados e voltados à realidade vivida pelos docentes.

A metamorfose da prática docente envolve, ainda, o enfrentamento das tensões entre autonomia e controle, entre inovação e tradição, entre individualização e trabalho coletivo. Nóvoa destaca que essas tensões não devem ser apagadas, mas compreendidas como parte do processo formativo e da constituição da identidade docente. Reconhecer-se como profissional em constante formação é um dos caminhos possíveis para lidar com essas contradições.

Além disso, a proposta do autor está alinhada a uma concepção de escola como espaço de construção de conhecimento, diálogo e transformação social. A valorização do professor, portanto, não é apenas um



aspecto técnico ou administrativo, mas uma condição fundamental para que a escola cumpra sua função social, proporcionar o acesso ao conhecimento com os saberes científicos e a redução das desigualdades bem como política, na formação de cidadãos críticos de forma a fortalecer os valores democráticos. Neste sentido, pensar a metamorfose docente é também pensar na reinvenção da escola como instituição viva, pulsante e conectada às necessidades da sociedade.

A leitura de António Nóvoa oferece, assim, uma base sólida para repensar as práticas formativas e a identidade docente em tempos de mudança. Seus escritos nos convidam a olhar para a docência com mais profundidade, considerando não apenas os conteúdos ensinados, mas os sentidos que os professores atribuem à sua profissão, os vínculos que estabelecem com a escola e a sociedade, e o papel que desempenham no processo de transformação educacional.

Ao compreender a docência como prática em permanente reconstrução, com as reflexões sobre o processo de metamorfose da prática docente à luz de António Nóvoa, temos que considerar as mudanças gerais no cenário educacional, os desafios regionais do Brasil e a importância de se pensar uma formação docente que esteja enraizada nas realidades locais, de forma a contribuir, assim, para o fortalecimento da identidade profissional e para o desenvolvimento das comunidades onde o professor atua.

Vivemos em um tempo de transformações intensas e contínuas, com as formas de ensinar e aprender, com as estruturas escolares e os sentidos atribuídos à educação que se modificam diante das novas demandas sociais, culturais e tecnológicas. Nesse cenário em constante movimento, António Nóvoa (2019) propõe uma reflexão sobre a necessidade de metamorfosear a prática docente, ou seja, de repensá-la profundamente, em suas bases, métodos e finalidades. Mais do que adaptar-se, o professor precisa ressignificar seu papel e sua identidade profissional, assumindo-se como sujeito ativo das mudanças que atravessam a escola e a sociedade.

A prática docente, historicamente marcada por modelos transmissivos e por uma rigidez institucional, tem sido convocada a dialogar com a diversidade de contextos, linguagens e sujeitos que compõem o cotidiano escolar. Essa metamorfose não se dá de forma linear ou homogênea, sequencial, ela envolve tensões, resistências e aprendizagens constantes. Mudar a prática docente implica revisitar concepções de ensino, romper com padrões engessados, acolher o imprevisível e construir novos modos de ser e estar na profissão.

Ao observar o Brasil em sua pluralidade, é impossível ignorar as particularidades regionais que influenciam diretamente os modos de ensinar e aprender. As diferentes realidades sociais, econômicas, culturais e geográficas impõem desafios singulares à prática pedagógica. Em regiões interioranas, por exemplo, as condições de infraestrutura, a valorização docente e o acesso à formação continuada podem apresentar contrastes significativos em relação aos grandes centros urbanos. Essas especificidades regionais exigem que a formação e a atuação dos professores sejam contextualizadas, respeitando as singularidades



de cada território, suas características únicas e específicas, sejam elas sociais, culturais, econômicas ou políticas.

É nesse ponto que a reflexão proposta por António Nóvoa se torna ainda mais pertinente: a construção da identidade profissional docente não pode ser pensada como um modelo fixo, padronizado e descolado da realidade. Pelo contrário, ela se constrói a partir das experiências vividas, das relações estabelecidas com os alunos, com os pares e com a comunidade, além das condições objetivas de trabalho e formação. A identidade docente, portanto, metamorfoseia-se junto com a prática, com a escola e com a sociedade.

A leitura de António Nóvoa oferece, assim, uma base sólida para repensar as práticas formativas e a identidade docente em tempos de mudança. Seus escritos nos convidam a olhar para a docência com mais profundidade, considerando não apenas os conteúdos ensinados, mas os sentidos que os professores atribuem à sua profissão, os vínculos que estabelecem com a escola e a sociedade, e o papel que desempenham no processo de transformação educacional.

### **3 PRÁTICAS DOCENTES E SUAS METAMORFOSES NO TEMPO**

Com o avanço das transformações sociais e culturais, sobretudo no século XX, as práticas docentes passaram a ser questionadas e ressignificadas. O movimento da Escola Nova, com nomes como John Dewey e Anísio Teixeira, trouxe uma nova concepção de ensino, baseada na atividade, na experiência e na valorização do sujeito aprendiz. O professor, nesse novo modelo, deixa de ser o único detentor do saber e passa a atuar como mediador.

No Brasil, as reformas educacionais nas décadas de 1930 e 1940, influenciadas pelas ideias escolanovistas, buscaram promover uma escola mais democrática. No entanto, a prática docente ainda se via tensionada por políticas centralizadoras e pela falta de investimento na formação. Na segunda metade do século XX, autores como Freire (1996) passaram a destacar a dimensão política da docência, afirmando que “ensinar não é transferir conhecimento”, mas sim criar possibilidades para a construção do saber.

Maurice Tardif (2002) contribui com a compreensão de que os saberes docentes são construídos na prática e nas interações sociais, rompendo com a ideia de um professor apenas técnico. Ele defende a valorização da experiência, da prática reflexiva e da construção coletiva do conhecimento docente.

Neste contexto histórico de transição e disputa por modelos educacionais, António Nóvoa (1992, 2009 ou 2019) reafirma que o professor precisa ser pensado como um profissional autônomo, autor de sua prática, que constrói sua identidade no entrelaçamento entre o vivido e o aprendido. O autor propõe que o foco da formação e da prática docente não seja apenas o conteúdo ou a técnica, mas a construção de um sujeito ético, reflexivo e comprometido com o contexto em que atua.

No Brasil, a diversidade regional é um fator determinante para a configuração das práticas docentes.



O país abriga diferentes realidades socioeconômicas, culturais e estruturais que impactam diretamente na atuação dos professores. Em regiões mais afastadas dos grandes centros, como áreas rurais, ribeirinhas ou sertanejas, o desafio de ensinar se amplia diante da precariedade de recursos, da carência de formação continuada e da baixa valorização profissional.

Mesmo em contextos urbanos, marcados por desigualdades sociais e alta rotatividade de professores, as práticas docentes precisam ser constantemente reinventadas para atender às necessidades reais dos alunos. É nesse cenário que a identidade docente se constrói de forma singular, mediada pelas condições materiais, pelas políticas públicas locais e pela história educacional de cada comunidade.

Francisco Imbernón (2006) destaca que a formação docente precisa estar atenta às realidades regionais e promover a reflexão crítica sobre a prática, valorizando os saberes construídos no chão da escola. Da mesma forma, Dermeval Saviani (1998) chama a atenção para a importância de políticas educacionais comprometidas com a equidade e com a valorização do trabalho docente nas diversas regiões do país.

Fechando essa discussão, António Nóvoa (2009, 2019) defende uma formação que leve em conta os contextos concretos de atuação do professor, reconhecendo que não há identidade profissional sem uma forte ancoragem no território onde se ensina. Para ele, a metamorfose da prática docente está diretamente ligada à capacidade de compreender e atuar nas particularidades da realidade local. Isso exige um olhar atento, ético e crítico por parte dos professores, que são, ao mesmo tempo, produtos e produtores da escola e da sociedade.

#### **4 IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PROFESSOR EM TEMPOS DE METAMORFOSES**

A identidade profissional docente constitui-se como um processo contínuo de construção e reconstrução. Longe de ser uma característica fixa ou estática, ela é constantemente moldada pelas experiências vividas, pelas interações sociais, pelas condições institucionais e pelos desafios que emergem do contexto educacional, múltiplos e complexos, principalmente na qualidade e nas metodologias. Conforme destaca Tardif (2002), a identidade do professor é tecida na articulação entre saberes adquiridos na formação inicial, experiências acumuladas no exercício da profissão e as demandas específicas do meio social e institucional no qual está inserido.

Em tempos de transformações aceleradas, como os vivenciados na contemporaneidade, esse processo identitário torna-se ainda mais complexo, exigindo do professor uma postura reflexiva, crítica e adaptativa diante das novas exigências que se impõem à profissão.

A compreensão da identidade docente como um fenômeno dinâmico está ancorada em diversos estudos que reconhecem o professor como sujeito ativo na construção do próprio percurso profissional. Essa identidade é constituída por múltiplas dimensões, pessoais, sociais, éticas e pedagógicas que se articulam a partir da trajetória individual e da inserção em coletivos institucionais (Imbernón, 2006).



Nesse sentido, a formação inicial oferece os fundamentos da prática docente, mas é no exercício cotidiano da profissão que se consolidam as marcas mais significativas da identidade profissional. Como destaca Nóvoa (1992), a identidade do professor constrói-se “através de um processo de constante (re)construção, que integra a história de vida, a formação e a prática profissional”.

Autores como Dubar (2005) e Tardif (2002) ressaltam que a identidade profissional docente é um constructo dinâmico, formado a partir de processos de socialização e interações contínuas.

Dubar (2005) enfatiza que a identidade não é algo dado de forma definitiva, mas resulta de uma negociação constante entre as histórias pessoais e as expectativas sociais, sendo moldada pela trajetória biográfica e pelas relações estabelecidas nos contextos profissionais.

Já Tardif (2002) argumenta que a identidade docente se edifica no diálogo entre os saberes construídos ao longo da formação e aqueles adquiridos na prática cotidiana, destacando que esses saberes são situados e influenciados pelas condições de trabalho, pelas políticas educacionais vigentes e pela cultura institucional da escola. Dessa forma, a identidade profissional do professor emerge como resultado de uma complexa rede de interações entre o indivíduo, a instituição e a sociedade.

Assim, o professor constrói sua identidade num entrelaçamento constante entre o individual e o coletivo, entre a autonomia e a normatividade, entre o desejo de transformação e as limitações impostas pelo sistema.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas, como a ampliação do acesso à escola, a diversificação do público estudantil, a intensificação do uso das tecnologias e a reconfiguração das relações familiares e sociais, têm impactado diretamente a forma como os professores percebem e vivem sua profissão. Muitos enfrentam sentimentos de desvalorização, sobrecarga e perda de sentido, o que compromete não apenas a qualidade da prática pedagógica e sua interação com as particularidades e características regionais, mas também a permanência desses profissionais na carreira.

Diante disso, torna-se urgente fortalecer políticas e práticas que contribuam para a valorização e o reconhecimento da identidade docente. Isso implica, por um lado, investir em formações que não apenas capacitem tecnicamente, mas que promovam o desenvolvimento humano, ético e relacional do professor, com a criação de espaços institucionais que favoreçam a escuta, o diálogo e o trabalho coletivo, resgatando o sentimento de pertencimento à escola e à profissão. Nesse sentido, António Nóvoa (2019) defende que a docência deve ser compreendida como um processo permanente de construção e reconstrução, uma verdadeira metamorfose, na qual o professor se reinventa continuamente em resposta às transformações sociais, culturais e educacionais.

A noção de identidade profissional também se relaciona com a autonomia do professor para tomar decisões pedagógicas fundamentadas, participar ativamente da gestão escolar e contribuir com propostas curriculares contextualizadas. Essa autonomia, no entanto, não se confunde com isolamento, pelo contrário,



ela se fortalece na colaboração, no compartilhamento de saberes e na construção coletiva de projetos educacionais.

A identidade docente, nesse cenário, aparece como um dos pilares fundamentais da qualidade da educação. Professores que se reconhecem como profissionais comprometidos, reflexivos e respeitados tendem a se engajar mais na transformação de suas práticas e na busca por melhores resultados educacionais. Para António Nóvoa (2019), o fortalecimento dessa identidade não se dá apenas por meio de competências técnicas, mas sobretudo pela capacidade de o professor se reconhecer como sujeito histórico, capaz de metamorfosear sua prática em diálogo constante com as demandas sociais e educacionais.

O reconhecimento da centralidade do professor nos processos educacionais demanda, portanto, um olhar atento à constituição da sua identidade. Formar professores vai além de transmitir conteúdos pedagógicos ou metodológicos, na realidade trata-se de promover condições para que esses profissionais se apropriem de sua história, elaborem sentidos para sua prática e construam vínculos sólidos com a escola e com a comunidade. Como defende Paulo Freire (1996), ensinar exige compreender a educação como um ato de liberdade, no qual o professor se torna sujeito ativo na construção do conhecimento e no fortalecimento de sua própria identidade profissional.

Nesse sentido, a identidade profissional do professor deve ser compreendida como um elemento estratégico para o fortalecimento da escola pública e para a promoção do desenvolvimento social e educacional. Quando valorizada, essa identidade potencializa a atuação docente como agente de transformação, contribuindo para que a escola cumpra sua missão de formar sujeitos críticos, participativos e preparados para os desafios do mundo contemporâneo. Como destaca Nóvoa (1992), a profissão docente se constrói na intersecção entre a dimensão pessoal e a coletiva, exigindo um compromisso contínuo de formação e reflexão para que o professor possa exercer plenamente seu papel transformador.

Dessa forma, a formação de professores, tanto em sua dimensão inicial quanto continuada, configura-se como um eixo fundamental para a consolidação da identidade profissional docente e para o aprimoramento da qualidade da educação. Trata-se de um processo que ultrapassa a aquisição de conhecimentos técnicos, abrangendo também o desenvolvimento ético, político e humano do educador, no sentido de promover o desenvolvimento de uma escola mais inclusiva, crítica, significativa e respeitando as culturas onde estão inseridas.

A formação inicial, tradicionalmente oferecida por cursos de licenciatura e programas pedagógicos, tem a função de preparar o futuro professor para os fundamentos da prática docente; entretanto, muitos estudos apontam que essa formação, em muitos casos, ainda apresenta lacunas significativas que dificultam a construção de uma identidade profissional sólida, conforme ressalta Garcia (1999).

Para superar essas limitações, diversas propostas vêm sendo defendidas por pesquisadores e instituições; entre elas, segundo destaca Perrenoud (2000), ressalta-se a importância de uma formação inicial



que articule teoria e prática desde os primeiros períodos do curso, que valorize os saberes da experiência e que promova a reflexão crítica sobre o papel do professor na sociedade.

Para Nóvoa (2009), a formação deve possibilitar que o futuro docente compreenda a complexidade da sala de aula, desenvolva autonomia para tomar decisões pedagógicas e construa um compromisso ético com a transformação social por meio da educação.

Complementar à formação inicial, a formação continuada assume um papel igualmente estratégico, ou seja, se estende por toda a sua trajetória profissional. Em outras palavras, o professor está sempre “em formação”, uma vez que a prática educativa é marcada por constantes desafios, mudanças curriculares, novas tecnologias, novos sujeitos e contextos, a transformação. Como afirma Nóvoa (1992), “não há formação inicial que dê conta de uma profissão que se constrói todos os dias no exercício da prática e na reflexão sobre ela”.

António Nóvoa (1992) é um dos principais autores a defender uma concepção de formação continuada como processo integrado à prática docente, que na sua visão, não basta que o professor participe de cursos eventuais ou receba capacitações pontuais, mas sim, necessário é criar ambientes de formação nos próprios espaços escolares ancorada nas necessidades reais da escola, respeitando o tempo, o contexto, a cultura local e a trajetória de cada professor.

A formação continuada, nesse sentido, deve ter um caráter emancipador, promovendo o protagonismo do professor na definição de seus percursos formativos. Programas que impõem conteúdos descolados da realidade escolar tendem a gerar desinteresse e resistência. Segundo considerações de Freire (1996) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Cabe destacar, também, a importância do apoio institucional à formação docente. Políticas públicas devem garantir condições para que os professores tenham acesso à formação continuada de qualidade, com tempo adequado, valorização profissional e incentivos à carreira. Além disso, é essencial que as redes de ensino fomentem a cultura do estudo, da pesquisa e da reflexão crítica no interior das escolas, criando um ambiente propício ao desenvolvimento profissional permanente e sua transformação exigida para os tempos atuais, ou seja, sua “metamorfose”.

A integração entre formação inicial e continuada é outro ponto crucial, duas dimensões da formação docente que devem dialogar entre si e não devem ser tratadas como etapas isoladas, formando um percurso coerente e articulado de forma a favorecer a construção de uma identidade profissional consistente e comprometida com a melhoria da prática pedagógica. Para Imbernón (2006), a formação de professores deve ser concebida como um continuum que favoreça a construção de saberes ao longo de toda a vida profissional.

Portanto, pensar a formação de professores é pensar o futuro da educação. É reconhecer que nenhuma



política educacional será efetiva se não considerar o professor como agente central da transformação escolar. Investir na formação docente é investir na qualidade do ensino, na valorização da profissão para que as mudanças, transformações e “metamorfozes”, proporcionem o verdadeiro desenvolvimento da sociedade.

Essa identidade, quando fortalecida, promove o comprometimento do professor com sua função social e contribui para a qualificação da prática pedagógica. O professor que se reconhece como profissional reflexivo, autônomo e capaz de agir criticamente no seu contexto, tende a buscar estratégias mais eficazes de ensino e aprendizagem, a dialogar com seus pares e a se engajar em processos formativos contínuos e, conseqüentemente, diretamente relacionada com os resultados educacionais.

## 5 CONCLUSÃO

A discussão desenvolvida neste artigo procurou destacar o metamorfosear da prática docente segundo a ótica de Antônio Nóvoa e a contribuição para a identidade profissional do professor como fatores essenciais para a melhoria da qualidade da educação.

Verifica-se que a docência é uma prática em constante processo de transmutação, marcada por movimentos de adaptação, ressignificação e reinvenção frente às mudanças sociais, culturais e tecnológicas, cuja prática reflete e influencia os rumos da escola e da sociedade.

Quando se reconhece o professor como sujeito ativo na construção do conhecimento e da transformação social, reforça-se a necessidade de políticas e práticas educacionais que valorizem sua trajetória, sua formação e sua autonomia profissional.

Ao refletir sobre a metamorfose da prática docente, compreendemos que tais transformações não se restringem ao campo metodológico, mas atingem dimensões identitárias e éticas, exigindo do professor uma postura reflexiva e uma formação que vá além de aspectos técnicos.

A análise histórica das práticas docentes revela que, embora a educação tenha assumido diferentes formatos ao longo do tempo, persiste a centralidade do professor como mediador de aprendizagens e agente de transformação, o que exige políticas que valorizem e apoiem seu trabalho.

A formação inicial e continuada aparece, portanto, como instrumento fundamental para esse fortalecimento. Ela deve ser compreendida como um percurso contínuo, articulado e crítico, que considere as especificidades dos contextos escolares e promova a articulação entre teoria e prática. A construção de espaços formativos no interior das escolas, o incentivo ao trabalho colaborativo e a promoção de uma cultura de estudo são estratégias que precisam ser valorizadas e incentivadas por políticas públicas consistentes.

Nos tempos atuais, marcados por rápidas transformações e múltiplos desafios, sociais e tecnológicos, a identidade profissional do professor emerge como um elemento estratégico para a consolidação de uma educação democrática e socialmente influenciada pelas condições de trabalho, pelas políticas educacionais e pela cultura escolar.



A identidade docente, longe de ser algo fixo ou meramente individual, é um processo construído ao longo da experiência, alimentado pelas interações com os contextos escolares, pelas políticas educacionais e pelas relações estabelecidas no exercício cotidiano da profissão. Quando essa identidade é fortalecida, o professor tende a atuar com mais segurança, senso de pertencimento e responsabilidade frente aos desafios da prática pedagógica.

Assim, reafirma-se a necessidade de investir em formações iniciais e continuadas que articulem teoria e prática, valorizem os saberes da experiência e fortaleçam o protagonismo docente. Como enfatiza Nóvoa (2019), “é preciso criar condições para que os professores se tornem autores e atores de sua formação, protagonistas de uma profissão que se reinventa a cada dia”.

Neste sentido, a valorização da docência, aliada à formação de qualidade e à análise crítica dos resultados educacionais, pode contribuir significativamente para a construção de uma escola mais justa, democrática e comprometida com o desenvolvimento regional e social. Investir no professor é investir para que ele possa metamorfosear, transformar-se em um profissional docente cada vez mais preparado para a construção de um futuro melhor para todos.



## REFERÊNCIAS

- DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Carlos Marcelo. A formação de professores: perspectivas da profissionalização docente. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355–1379, out./dez. 2010.
- IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.
- NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
- NÓVOA, António. Os professores e sua formação num tempo de metamorfose da escola. Revista Educação & Realidade, v. 44, n. 3, p. 197-205, 2019.
- PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SAVIANI, Dermeval. A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 1998.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.